

Identidades na diferença*

Ester Limonad**

Resumo

A meta deste ensaio é apontar para a existência de algumas identidades e semelhanças entre uma realidade brasileira e a de Barcelona na Espanha, embora haja um diferencial de qualidade e intensidade. De início se especifica de qual Barcelona se está falando, uma vez que há várias Barcelonas e diversos modelos “Barcelona”, que são indicativos de sua longa trajetória espaço temporal rumo à globalização e a gradual alienação de seu uso e apropriação por seus habitantes. A seguir, são assinaladas algumas formas contemporâneas de apropriação social, de modo a tecer algumas considerações sobre o caráter deste primeiro mundo, tão próximo e tão distante de certos aspectos da realidade brasileira e de outros países latino americanos. Para concluir se busca esboçar algumas perspectivas possíveis de luta pelo direito à cidade e de oposição às tendências de expropriação social e mercantilização da cidade, dos espaços de vida e trabalho produzidos historicamente enquanto valores de uso social.

Palavras-chave: Barcelona, modelo, globalização, movimentos sociais urbanos, imigração, apropriação social.

* Esta é uma versão reduzida e modificada do trabalho “Estranhos no Paraíso de Barcelona. Impressões de uma geógrafa e arquiteta brasileira residente em Barcelona” publicado em *Biblio 3W, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona, Vol. X, nº 582, 10 de mayo de 2005. [<http://www.ub.es/geocrit/b3w-582.htm>]. [ISSN 1138-9796].

** Professora Doutora da Universidade Federal Fluminense e Programa de Pós-Graduação em Geografia. Bolsista da Capes (Coordenação e aperfeiçoamento de professores do Ensino Superior, Ministério da Educação Brasil) junto à Universidad de Barcelona – Facultad de Historia y Geografía (ester_limonad@yahoo.com).

Identities within difference

Abstract

This essay main concern is to show that there are some identities and similarities among a Brazilian reality and Barcelona's in Spain, although there is a quality and intensity differential. In order to achieve its goals this paper starts defining which Barcelona is being discussed, since there are many Barcelonas, and several Barcelona "models", which are an indication of Barcelona's large space-time path towards globalization and to its gradual alienation from its citizens and inhabitants. Afterwards it is emphasized the existing differences among many social appropriation distinctive forms as well as some considerations on which first world is this, so close and so different from Brazil and other Latin-American countries. Finally, to conclude, some considerations are made on possible ways to fight for the right to the city and to stand against its commodification dominating trends.

Key words: Barcelona, model, globalization, grass-roots; immigration; right to the city.

Em um antigo conto de ficção científica, um personagem comentava que "cada planeta possui um aroma particular que o identifica". Embora as viagens interplanetárias ainda não façam parte do cotidiano dos habitantes deste nosso planeta, estas palavras não deixam de ter um certo "grano veritas". Há pouco tempo, podia-se dizer que cada país possuía um aroma particular, especificidades próprias que os tornavam únicos e particulares, com suas idiossincrasias e vicissitudes. Entretanto, com a globalização, com o crescimento de algumas economias nacionais em detrimento de outras, e o aumento da mobilidade espacial das pessoas ao redor do mundo torna-se cada vez mais difícil sentir e saborear estes aromas particulares. Em todos os lugares multiplicam-se as mesmas marcas, as mesmas lojas, os mesmos sabores, odores e aromas. Um exemplo corriqueiro é a enorme

dificuldade em se encontrar uma pizza “verdadeiramente” italiana em Veneza, onde inúmeros imigrantes chineses tomaram o lugar dos pizzaiolos, e para satisfazer o gosto dos turistas americanos a massa de tomate industrializada substituiu o molho artesanal.

Em uma tentativa de ir além das aparências e dos espaços homogeneizados graças à globalização, o espírito que orienta este trabalho é o comentário de um personagem do filme “Estranhos no Paraíso”¹, que assinala, após viajar de New York a Cleveland: “a gente vai para um lugar tão longe e vê que tudo é sempre a mesma coisa...”. Esta “mesma coisa”, no caso, não se refere à homogeneização dos lugares, mas a um certo *déjà vu*, a um “sentir-se em casa” (RANDOLPH, 2003) longe de casa. E que faz surgir a indagação: Que primeiro mundo é esse que parece tão próximo de certas vicissitudes brasileiras?

São expostas aqui, portanto, algumas impressões de viagem, de uma brasileira residente temporária em Barcelona, cujo deslumbramento inicial aos poucos se desvaneceu e deu lugar a diversos questionamentos e interrogações. Não se trata de afirmar que tudo é a mesma coisa, mas de assinalar e enfatizar a existência de algumas identidades e semelhanças entre uma realidade brasileira e a de Barcelona na Espanha, embora haja um diferencial de qualidade e intensidade.

De início se especifica de qual Barcelona se está falando, uma vez que há várias Barcelonas e diversos modelos “Barcelona”, que são indicativos de sua longa trajetória espaço temporal rumo à globalização e a gradual alienação de seu uso e apropriação por seus habitantes. A seguir, são assinaladas algumas formas contemporâneas de apropriação social, de modo a tecer algumas considerações sobre o caráter deste primeiro mundo, tão próximo e tão distante de certos aspectos da realidade brasileira e de outros países latino americanos. Para concluir se busca esboçar algumas

¹ “Estranhos no Paraíso”. Título original em inglês: *Stranger Than Paradise*. Produção: Estados Unidos, 1984, 90 min. Diretor: Jim Jarmusch.

perspectivas possíveis de luta pelo direito à cidade e de oposição às tendências de expropriação social e mercantilização da cidade.

Qual Barcelona?

De início é importante enfatizar que não se trata apenas de uma Barcelona. De um único plano Barcelona. Ou de um modelo Barcelona. De uma Barcelona una com uma identidade própria. De fato Barcelona existem múltiplas Barcelonas. E cada uma é a materialização de diversos arranjos defensivos históricos e de vários planos urbanísticos, a partir do século XVIII-XIX. Entre eles destacam-se o de Idelfonso Cerda, que poderia ser caracterizado como um primeiro modelo Barcelona, e as propostas de intervenção mais recentes, que deram origem ao “planejamento estratégico”, e são examinadas criticamente por Horacio Capel (2005) e por Jordi Borja (2005 a).

O que aparece hoje como Barcelona é um conjunto de diversas cidades, que compõe a Área Metropolitana de Barcelona, que concentra pelo menos 33 Municípios com uma população conurbada que ultrapassa a marca de 4,5 milhões de habitantes, com elevados índices de densidade demográfica. Todos bem articulados a vários meios de transportes integrados (metro, ônibus, trams, funiculares e trem). Com um bilhete de transporte urbano, em menos de uma hora, passa-se por morros, atravessa-se rios, chega-se a outros municípios todos dentro da mesma mancha urbana conurbada.

Barcelona é uma cidade compacta com uma densidade excessiva e quase sem vazios urbanos, onde abundam as edificações coladas umas às outras, e as poucas praças, jardins e espaços vazios são tomados pela população nas horas de ócio. Esta é uma cidade onde o antigo se mescla com o moderno, mas que padece dos mesmos males de outras grandes cidades européias, como Paris, Londres e Bruxelas, em virtude de sua idade, com edificações em mau estado de conservação e redes de infraestrutura expostas às intempéries.

Então, de qual Barcelona está-se falando? De que cidade? A área em questão é a do município de Barcelona contido entre os rios Bésos e Llobregat e o monte Tibidabo. Uma superfície de 100,4 km², em que predominam elevados índices de concentração demográfica na área central e nos municípios vizinhos, pertencentes à Comarca de Barcelona, de L'Hospitalet Llobregat (192,93 hab/ha), Santa Coloma de Gramenet (171,56 hab/ha), Badalona (97,08 hab/ha), Sant Adrià de Besòs (84,89 hab/ha) e el Pratt Llobregat (19,63 hab/ha).

Em Barcelona o desejo de preservar áreas históricas por movimentos sociais populares defronta-se com as propostas de renovação urbana de planejadores, arquitetos e técnicos da Prefeitura, ladeados pela sanha dos especuladores imobiliários. Merecem menção aqui os esforços de preservação do patrimônio histórico e cultural do neoclassicismo industrial catalão por parte de movimentos populares vis a vis a propostas de “renovação urbana” da Prefeitura de Barcelona. Propostas que tem por consequência descaracterizar o conjunto existente em nome de uma modernização e integração urbana.

A introdução de novos elementos construtivos pode ser positiva, todavia se não estiver acompanhada por uma preocupação em preservar a integridade do patrimônio existente corre-se o risco de romper laços de pertencimento e a legibilidade do espaço social, dificultando sua possibilidade de uso e apropriação social. São ilustrativas neste sentido as intervenções realizadas em Poble Nou, antiga área industrial e de residência de trabalhadores, visto historicamente como área de expansão urbana. Aí as propostas de intervenção são mais brutais, com destaque para o Pla 22@bcn², como mostram vários trabalhos³. Com este plano a Prefeitura pretende realizar uma renovação urbana radical em Poble Nou para integrar Barcelona plenamente à “revolução tecnológica-informa-

² Acessível em <http://www.bcn.es/22@bcn/cata/presentacion>.

³ Grup de Patrimoni Industrial del Fòrum de la Ribera del Besòs (2005), Tatjer, M. (2005) e Tatjer Mir, M. Urbiola Domènech, M. Grup de Patrimoni Industrial (2005).

cional”. Isto propiciou o ressurgimento de movimentos de resistência popular, que se manifestam no periódico eletrônico da *Federação das Associações de Vecinos de Barcelona*⁴.

A descaracterização da cidade e a transformação em valor de troca de áreas produzidas enquanto valor de uso social, não está restrita apenas às áreas periféricas. Enquanto nestas áreas a intervenção dos agentes públicos ou privados é mais visível e aparente, seja em razão da escala de intervenção, seja devido aos desdobramentos destas propostas; em outras áreas isto ocorre de forma gradual e incessante. O Eixample é um exemplo desta descaracterização. Nesta área, que concentra um dos maiores acervos arquitetônicos do modernismo do século XIX, pouco a pouco antigas edificações são “modernizadas”, reformadas, ou derrubadas para dar lugar a edificações mais novas. É uma modernização que ocorre por partes, aos pedaços, de forma lenta e inexorável.

Sem embargo partes da cidade de Barcelona resistem a tornar-se uma cidade global e a perder uma identidade catalã, o que é extremamente positivo. Pois são os habitantes de uma cidade que lhe dão vida ao não se deixar atingir de forma apática pelas práticas espaciais dominantes. Não obstante, estas não são experiências reprodutíveis como se poderia pensar (BORJA, 2005a) e como desejariam os mais pragmáticos, pois estão ligadas a um processo histórico de construção de uma identidade social, que não pode vir de cima para baixo. E que não pode ser transmitida simples e mecanicamente de um lugar a outro, uma vez que a construção dessa identidade exige uma conscientização e prática política, e um desejo de participação da própria população envolvida.

Equívocos neste sentido tem levado muitos planejadores a propor um planejamento participativo. Planejam, assim, a participação no planejamento, sem dar chance aos envolvidos de participar concretamente. Em geral o poder público tende a colocar na agenda de discussões questões táticas e não questões estratégicas. Ou seja, discute-se questões parciais ou alternativas a

⁴ *La Veu del Carrer*, acessível em <http://www.lafavb.com/carrer.php>.

determinadas intervenções, mas não: qual cidade se deseja? Ou ainda, se há uma real necessidade destas intervenções. O corolário destas práticas é a transformação da cidade em uma colcha de retalhos. O que conduz a situações sem saída ou a soluções que convertem partes da cidade em lugares de visita e em objetos de consumo global. Contrapõe-se, assim, a satisfação de necessidades da população residente às necessidades impostas por outros setores e agentes sociais ligados ao turismo, à especulação imobiliária, que convertem os espaços urbanos, produzidos enquanto valor de uso social, lugares de reprodução, vida cotidiana, consumo e satisfação de necessidades sociais em objetos de consumo global. Resulta daí uma apropriação fragmentada e formas diferenciadas de apropriação da cidade.

Um século e meio rumo à globalização

A projeção internacional de Barcelona não constitui uma novidade, e nem é algo recente. Portanto, a mundialização de Barcelona não está vinculada apenas à prática do planejamento estratégico.

Um breve retrospecto mostra que muitas das intervenções realizadas em Barcelona e na área metropolitana historicamente estiveram relacionadas à realização de eventos de porte internacional que contribuíram para converter diversas áreas da cidade em objetos de consumo global.

Já na segunda metade do século XIX os governos municipais de Barcelona perceberam que a promoção de eventos internacionais, além de conferir projeção internacional à cidade, propiciava a realização de intervenções urbanas de grande porte. Em 1888, Barcelona abrigou um primeiro evento internacional: a Exposição Universal, graças a qual o Parque da Cidadela, antiga fortificação militar, foi urbanizado e articulado ao plano urbanístico de 1854 de Idelfonso Cerdá. A este evento seguiram-se outros de porte mundial, todos acompanhados por incisivas e extensas intervenções urbanísticas, que contribuíram para conformar a cidade e dar-lhe projeção internacional.

Com a Exposição Internacional de 1929 foi urbanizada a Plaza Espanha e construído um complexo de pavilhões de porte monumental, onde se encontra hoje a *Feria de Barcelona*, ao final da *Gran Via de las Corts Catalanas*, que atravessa quase toda a cidade. Para articular esta área à cidade foram estendidas novas linhas do Metro, criado em 1924, do centro da cidade à Plaza Espanha e a Montjuic.

Em 1952, durante o franquismo, Barcelona acolheu o XXXV Congresso Eucarístico Internacional, que facultou à Igreja Católica urbanizar uma nova área da cidade, que passou a ser conhecida como Congrès. O *Plano de Viviendas do Congreso Eucarístico* (PVCE) construiu cerca de 3.000 unidades de habitação social para famílias com reduzido poder aquisitivo. Não obstante apesar das intenções do PVCE, as habitações “*não serviram para os imigrantes com menos possibilidades, mas para uma certa ‘classe média’ que era mais fiel à Igreja*” (BELENGUER, 1996:40 t.a). Ainda durante o franquismo foram construídos, sem um planejamento prévio, conjuntos habitacionais baratos destinados a absorver os imigrantes de outras províncias, que anos mais tarde além de apresentarem problemas construtivos provocaram diversas doenças graves em seus habitantes. Com o crescimento demográfico e expansão da malha urbana criaram-se novos bairros não só em Barcelona, mas também na área conhecida como cinturão, nas cidades adjacentes de Hospitalet Lobregat, Bellvitge, Coloma de Gramenet, Sant Adrià de Besós e Badalona.

Em 1992, Barcelona abrigou os Jogos Olímpicos, que implicaram em diversas intervenções e na construção do Port Olímpic na área de Parc de Mar – com a intenção de recuperar áreas industriais degradadas da cidade contíguas à orla litorânea do Mediterrâneo. Há uma clara consciência dos efeitos dos Jogos Olímpicos no espaço urbano barcelonês como se pode perceber na avaliação feita por um *site* espanhol de notícias esportivas, *Sports Internet Factory*:

“Para a cidade também há um antes e um depois dos Jogos.
A melhoria em infraestruturas é algo que os barceloneses

seguem desfrutando hoje em dia. A construção dos cinturões viários, assim como a ampliação do aeroporto, eram uma necessidade para **Barcelona** e que os Jogos, como desculpa, ajudaram a realizar.”⁵

O I Fórum Universal das Culturas surgiu de uma idéia original do prefeito Joan Clós, que em uma entrevista declarou “*Não são umas olimpíadas, nem uma exposição universal, nem um parque temático, mas um pouco de tudo isto e muito mais*” (t.a).

Para abrigar o Fórum foi destinada uma área próxima à foz do rio Besós, onde foram construídas duas grandes edificações: o Edifício Fórum dos arquitetos suíços Jacques Herzog e Pierre de Meuron e o Centro de Convenções Internacional de Barcelona, sobre os quais se estende a segunda maior praça do mundo. A área conta ainda com diversos equipamentos, parques e áreas de exposição. Em síntese, segundo o comitê organizador, o Fórum dotou a cidade de instalações grandiosas, a saber: um colossal centro de convenções, um novo porto esportivo, uma nova praia e um par de ilhas artificiais. Sem dúvida instalações há muito necessitadas pelas classes populares!

O Fórum aparece como uma grande operação urbanística com o objetivo de abrir ao mar as últimas áreas que restavam em Barcelona; uma vez que um dos pontos mais polêmicos do projeto tem a ver exatamente com sua localização em uma zona marginal de baixa renda (OLMO, 2004).

E, *last but not least*, temos a renovação urbana na área de Poble Nou e nas Glories, com a abertura de grandes boulevards e a inauguração do prédio das águas de Barcelona (Torre Agbar), projeto do arquiteto francês Jean Nouvell, que se destaca como um bólido de forma extremamente discutível na paisagem, como se pode observar na foto 1 a seguir. Um símbolo de uma nova Barcelona sexy?

⁵ Acessível em <http://www.juegos-olimpicos.com/atenas2004/historia.php?IDOlimpiada=22> (tradução da autora).

Foto 1: Torre Águas de Barcelona (AGBAR) ao centro.

Foto: Ester Limonad, 2005

Todas estas intervenções realizadas ao longo do tempo foram idealizadas com o fito de inserir Barcelona no mapa mundial. Não para atender às necessidades da população e dos residentes de Barcelona, mas às necessidades de reprodução de diferentes capitais - o que propiciou um amplo desenvolvimento não apenas para o capital industrial e comercial, mas para o capital imobiliário e para o turismo. Espaços imaginados e pensados como efígies do poder e do dinheiro. Exemplos não faltam, como a praça Tetuan que abre caminho para o Arco do Triunfo e para a Cidadela, a qual separa o Eixample da cidade industrial, que agora está sendo destroçada para ceder lugar à cidade global nas Glòries e no Poble Nou. Isto também vale para a escala monumental da Praça Espanha e da ampla avenida que dá acesso ao Castelo de Montjuic com as suas fontes espetaculares. Espaços de poder,

espaços do espetáculo, objetos de consumo não apenas para a população local, mas principalmente para os visitantes e turistas.

Não é novidade, portanto, a expropriação dos lugares de moradia, dos espaços produzidos como valor de uso relacionado à reprodução do cotidiano, por outros interesses alheios a este valor de uso, que coisificam e mercantilizam este espaço.

O próprio plano urbanístico de Cerdá, glorificado em cursos de urbanismo ao redor do mundo, foi vítima da mercantilização. Suas proposições originais foram desvirtuadas por sucessivos planos urbanísticos. Das praças projetadas por Cerdá, pouco restou em virtude da cobiça dos especuladores imobiliários, e nestas o exíguo espaço disponível é disputado com equipamentos públicos, como pré-escolas, postos de coleta de material reciclável, etc., o que acaba por restringir os espaços de ócio e lazer da população local.

O Eixample originalmente idealizado como um conjunto de quadras intercaladas com áreas verdes e jardins e edificações de até 5 andares, conta hoje com poucas áreas verdes e jardins, muitos dos quais foram ocupados por edifícios que alcançam de oito a dez andares, onde aos *áticos* (coberturas) somaram-se os *sobre áticos*. Muitas destas edificações sequer dispõem de elevadores além de contarem com uma infraestrutura de abastecimento elétrico, hidráulico e telefônico precária. Nas paredes laterais e de fundos destes edifícios pode-se observar varais de roupas penduradas do lado de fora das janelas, remendos de antigas reformas nas paredes, tubulações hidráulico-sanitárias expostas às intempéries, assim como a fiação elétrica e os cabos telefônicos e de antenas, que coalham os céus. E isto ocorre no Eixample Direito, uma área central de Barcelona, e não em uma periferia qualquer.

Além disso, muitas edificações não possuem as laterais revestidas com emboço, massa ou o que seja, o que aumenta os riscos de infiltração e denuncia as diversas fases de ampliação, em razão dos distintos tipos de alvenaria empregados. O mar de antenas, edificações com ampliações sucessivas sem o devido acabamento e a falta de emboço nos prédios acabam por conferir à

paisagem barcelonesa um aspecto meio “favelizado” muito próximo ao que podemos encontrar em várias cidades latino-americanas e brasileiras, como Rio de Janeiro e Salvador.

Enfim, a Barcelona que ora se apresenta é o resultado de diversas reformas e intervenções realizadas setorialmente, ao longo de pelo menos 150 anos, por agentes imobiliários, instituições financeiras, proprietários do solo, e mais recentemente por empresas de publicidade, marketing e a indústria do turismo que a cada ano buscam criar um acontecimento de porte internacional para atrair a atenção sobre a cidade: Fórum Internacional, Ano Gaudi, etc. Reformas de grande porte promovidas com a argumentação de incrementar o orgulho e a cidadania, mas que de fato extinguem os elementos de pertencimento e de memória coletiva em nome de uma projeção internacional duvidosa, que expropria a cidade de seus habitantes e a converte em uma cidade dividida, fragmentada em termos de possibilidades de uso e apropriação social, ao tratá-la e converte-la em objeto de consumo global. Desta forma, pouco a pouco Barcelona foi e está sendo alienada aos pedaços de seus habitantes (CAPEL, 2001) e daqueles que a produziram e converte-se em local de turismo e ócio daqueles que podem pagar.

Distintas formas de apropriação social

Historicamente Barcelona e seu entorno tem concentrado uma série de condições gerais que propiciaram que esta se tornasse a área mais desenvolvida da Espanha, e por que não dizer da Península Ibérica. Atualmente a área metropolitana de Barcelona é a sexta maior aglomeração urbana da Europa e apresenta-se bem articulada aos fluxos mundiais. Esta preeminência está relacionada a uma série de iniciativas do poder público, por vezes associado à iniciativa privada. Um corolário desta mundialização de Barcelona é sua transformação em objeto de consumo: de lugar de consumo passa-se ao consumo do lugar. Isto propicia que coexistam atualmente em Barcelona distintas formas de apropriação e uso do espaço social público.

Começemos pelo transporte público. O metro e o trem emergem como um meio de domínio mais fácil e simples do espaço. Sua utilização não requer o domínio do idioma castelhano ou do catalão, ou sequer solicitar informações. Apesar de Barcelona contar com uma ampla rede de metro há que se considerar os extensos percursos a pé de conexão entre as linhas. Pode-se observar inclusive uma preocupação em adaptar os acessos aos incapacitados, apesar deste acesso ainda não se encontrar universalizado - o que dificulta em parte sua utilização. No metro encontra-se uma maior mescla cultural e de raças, aí se encontram e se entreouvem turistas e imigrantes de todas as origens e nacionalidades vis a vis aos barceloneses.

Os ônibus e tram por sua vez aparentemente são um espaço de domínio da população local, dos residentes, daqueles que possuem um maior conhecimento do espaço, nestes meios de transporte já não se percebe tão fortemente o cadinho cultural.

Pode-se notar também a diferenciação na apropriação dos espaços de praças e jardins. Isto ocorre em distintas escalas em diversas partes da cidade. As Ramblas, a Praça Catalunha, o Passeig de Gracia, Mare Magnum, Vila Olímpica e adjacências são os espaços por excelência do turismo; aí se ouvem todos os idiomas, se vêem todas as raças, distintos trajés, etnias, como se Barcelona fora um cadinho cultural, onde o que falta são os catalães. Estes, todavia, encontram seus próprios espaços em outras praças, ramblas e parques não tão visados pelos turistas. O Passeig de San Joan, a Rambla de Poble Nou, e outros são tomados totalmente pela população residente, crianças, adultos, idosos e cachorros, etc.

Nos espaços destinados ao turismo imperam os cafés, restaurantes, a exibição de atos ditos culturais, estátuas vivas, malabaristas, *performers*. Aí não há lugar para o transeunte desfrutar sem pagar, seja para sentar e descansar, seja para se entreter, se o quiser, deverá consumir; exceto pela contemplação das estátuas vivas. Nestes espaços não se encontram equipamentos de lazer, nem bancos para descansar e sentar. Já nos espaços de

domínio da população residente abundam os bancos, espaços para sentar, para jogar pingue-pongue, quadras de bocha, balanços, escorregadores infantis e áreas para cães.

Borja (2005b) em um texto recente aponta uma hipótese explicativa para um certo mal estar que teria tomado conta de Barcelona: a despossessão – e lamenta que a Cidade Velha, o centro histórico e outras partes tenham sido tomados pelo turismo e salienta ainda que “*a arquitetura ‘para exportação’ substituiu o urbanismo cidadão. A cidade se tornou ‘global’ e os cidadãos ‘locais’ se sentem expropriados*” (idem). No entanto Barcelona não se tornou global de ontem para hoje, e de fato as iniciativas de um urbanismo cidadão são poucas comparadas às ações institucionais. O que não significa dizer que não se deva resistir e lutar. Mas há que se ter consciência que a conversão de Barcelona em um objeto de consumo não é recente.

Há que se salientar ainda a crescente pressão imobiliária nas áreas mais densas da aglomeração, onde os imóveis apresentam preços elevados, com uma enorme escassez de imóveis de aluguel – o que contribuiu, entre outros fatores, nos últimos anos para uma crescente emigração dos barceloneses para outros municípios da área metropolitana, em particular para Sant Adrià de Besòs, Santa Coloma de Gramenet, Badalona e para L’Hospitalet Llobregat, todos articulados ao núcleo da área metropolitana e parte da comarca de Barcelona.

O espaço da cidade hoje é disputado por turistas, residentes, imigrantes de diversas etnias, bem como por *outlaws*. Entre os residentes e os turistas encontram-se os estranhos no paraíso, e é a presença destes estranhos, que de certa forma reafirmam a sensação de *déjà vu*, de exclusão social, sutil, mas presente. Que de certa forma se expressa na constatação de Borja de que

“(…) a imigração concentrada em bairros visíveis (Ciutat vella) contribui involuntariamente para este sentimento de despossessão, apesar de contribuir, a sua maneira, para revitalizar áreas degradadas e criar alguns interessantes âmbitos de diversidade” (ibidem).

A proliferação de locutórios com serviços de fax e remessa de dinheiro e de encomendas para diversos rincões do mundo, aos quais se somam mini-mercados de produtos típicos e restaurantes especializados são indicativos da forte presença de imigrantes hindus, paquistaneses, orientais, além de latino-americanos de diversos países, que geram uma pressão crescente nos serviços e equipamentos públicos de saúde e educação pública. Segundo dados oficiais, a população imigrante totalizou até setembro de 2005 cerca de dez por cento dos residentes registrados. Sem embargo, aí não estão contabilizados os imigrantes ilegais, sem permissão de residência, que trabalham como ambulantes, biscateiros, garçons, etc., desde os que vendem sua força de trabalho até os que vendem seu próprio corpo. Estes imigrantes são responsáveis por um volume substancial de remessa de divisas para seus familiares. Em alguns casos são responsáveis por uma parcela significativa do Produto Interno Bruto de seus países de origem. Constituem, assim uma rede paralela às formas tradicionais de circulação de divisas, que é extremamente lucrativa e que tem por base o que Emilio Pradilla Cobos designou cruamente de “tráfico internacional de carne humana”⁶.

Em discurso pronunciado em 14/09/2005, na Assembléia Geral das Nações Unidas, o Presidente da Espanha José Luis Rodríguez Zapatero assinalou que estas remessas de divisas são um elemento a mais a ser considerado no auxílio ao combate à fome e a pobreza nos países mais pobres, e em seu entender haveria que se considerar a redução dos custos administrativos para que fique menos dinheiro pelo caminho.

Em Barcelona os imigrantes podem ser encontrados em diversas áreas da cidade como o Eixample, Gracia e Poble Nou, entre outras. Sem falar na Cidade Velha onde ao alvorecer mulheres com véus esvoaçantes em busca das moedas deixadas

⁶ Conferência no XI Encontro Nacional da ANPUR (Associação Nacional de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional), realizado em Salvador de 23 a 27 de maio de 2005.

cair pelos turistas disputam o espaço do píer de Barceloneta com as gaivotas esfomeadas em busca de comida...

No Poble Nou, área de resistência à renovação urbana, também se multiplicam as imobiliárias, como em outras partes da cidade, com a oferta de imóveis renovados e gentrificados. Aí também se encontram os locutórios em que os proprietários mal falam catalão ou castelhano. Enfim, nos jornais são noticiados os conflitos crescentes e o assédio dos africanos subsaharianos e do Magreb na fronteira espanhola em Melilla, no norte da África, onde estão dobrando a altura da cerca para seis metros. Somam-se a estas notícias os assaltos crescentes no metro, nas *ramblas* e na Praça Catalunha por menores de idade, imigrantes romenos do leste europeu, que não podem ser detidos pela polícia...

Que primeiro mundo é esse?

Tal qual os personagens de Jarmusch, em “Estranhos no Paraíso”, de repente, sinto-me em casa, de volta ao começo, e pergunto-me mais uma vez: Que primeiro mundo é esse?

Há que se salientar as diferenças, sutis, porém significativas. Neste primeiro mundo há menos pobreza aparente. Inclusive há um maior respeito às pessoas, à vida, independente de sua condição social. Há menos desigualdade social e uma melhor distribuição da riqueza, que se evidencia em uma preocupação e um compromisso social com o bem-estar da população através da garantia de serviços de saúde e educação pública. Mesmo os sem-teto, mendigos e indigentes aqui são diferentes daqueles de países como o Brasil. Pois enquanto no Brasil aumenta a olhos vistos uma população de rua, que oficialmente não existe, pois sequer possui certidão de nascimento, o que a exclui de todos os serviços, neste primeiro mundo antes de tudo, os indigentes são cidadãos registrados, com direito à segurança social, além de serem alfabetizados e disporem de algum diploma educacional. Afinal desde o século XIX a educação pública é obrigatória até os dezesseis anos, não só na Espanha, mas em vários países da Comunidade Européia.

Não obstante, estas são benesses restritas aos cidadãos deste primeiro mundo e aos imigrantes legais ou com permissão temporária – aos detentores do ambicionado NIE (número de identificação de estrangeiro). O que de certa forma coloca este primeiro mundo europeu em uma situação similar a dos Estados Unidos entrincheirado ao sul para impedir o ingresso de imigrantes “latinos” ilegais. Nas cidades espanholas autônomas de Mellila e Ceuta, no norte da África, assim como no México, se constroem muros duplos de seis metros de altura com valas para tentar impedir as “avalanchas” de imigrantes provenientes do norte da África, do Magreb e das áreas sub-saharianas. Nos limites destas cidades todas as noites grupos de africanos de diversas nacionalidades e etnias reúnem-se e buscam ultrapassar as cercas erguidas para deter o seu avanço rumo ao primeiro mundo, muitos dos quais morrem ou saem feridos em embates com a polícia de fronteira e com a guarda marroquina.

Este é um primeiro mundo assediado por “*pateras*” (jangadas) de albaneses, africanos, etc. que arriscam a vida no mar em busca das costas litorâneas dos países europeus mediterrâneos. É um lugar dividido, desigual e controlado, uma ilha de riqueza murada e fora do alcance dos habitantes de um outro mundo mais pobre, e quiçá mais humano.

O que se assiste hoje é de certa forma um entrincheiramento das áreas mais desenvolvidas em relação às mais pobres. Neste primeiro mundo se constroem cercas, muros. Nos países de capitalismo tardio os ricos e a classe média buscam abrigo em condomínios fechados. Esta é uma situação que não se resolverá com cercas ou muros. Sempre haverá os que buscarão burlar estes limites físicos. A solução residiria talvez em uma melhor redistribuição da riqueza, em lutar contra a pobreza, aumentar as oportunidades de desenvolvimento social nos países mais pobres. Na luta por um mundo mais justo e mais digno. Mas estas são questões que vão além dos propósitos do presente trabalho.

Se a pobreza e a miséria parecem algo alheio a este primeiro mundo e aparecem com mais força nas telas dos noticiários

televisivos e nas manchetes dos jornais, sem embargo estão logo ali, do outro lado do Mediterrâneo, em outros continentes, em outros mundos. Já no Brasil, na Argentina, no Chile e em outros países latino-americanos, basta caminhar na rua, aí a desigualdade social é presente na mesma cidade, no mesmo país. Aí geralmente não é necessário ir muito longe, atravessar um mar ou um continente... Mesmo assim, não é uma questão de distâncias físicas, mas de colocação de obstáculos e de expropriação social. O *déjà vu*, assim, está relacionado à relação dialética entre o próximo e o distante. Apesar da miséria e da pobreza encontrarem-se distantes fisicamente, também se encontram presentes neste primeiro mundo. De onde a sensação de proximidade aos imigrantes brasileiros, latinos, africanos, hindus, paquistaneses que para cá vieram em busca de uma vida melhor. Muitos dos quais jamais voltarão a ver sua terra, estranhos no paraíso.

E o direito à cidade?

Enfim, de volta ao começo, porém com uma outra visão de Barcelona que levanta a indagação: como fica o “*urbanismo cidadão*” a que fez referência Borja e que de certa forma constituiu a base em um período recente de uma série de transformações na cidade de Barcelona?

Ou seja, como fica o direito à cidade? Direito de quem? De quais cidadãos? De quais “*vecinos*”? Dos catalães ou de todos que residem em Barcelona e dela fizeram o seu lar? Há lugar nas condições atuais de desenvolvimento do capitalismo para uma gestão democrática e equânime da cidade? Para Capel (2004, 2005a e 2005b) esta seria uma perspectiva possível como salienta na passagem a seguir:

“Necessitamos outro planejamento e outra forma de construir a cidade. (...) é necessário um planejamento em que a responsabilidade não seja só dos técnicos (arquitetos e engenheiros) e o urbanismo não se imponha de cima para baixo, mas de baixo para cima; em que o ponto de partida seja o diálogo e o debate público das opções existentes; em

que a construção da cidade não fique a mercê dos interesses imobiliários; em que políticos e técnicos estejam de fato a serviço dos cidadãos” (CAPEL, 2005b).

Os movimentos sociais, porém, apresentam exigências diferenciadas, com base nas necessidades que se impõem historicamente para garantir a reprodução social da família e do cotidiano. Constituem, assim, uma expressão da contradição latente entre a produção social do espaço e sua apropriação privada, que limita e restringe o acesso a bens e serviços. A reprodução da vida social, da família, dos trabalhadores, entra em contradição com as práticas espaciais hegemônicas que produzem a cidade, com a subsunção dos lugares de encontro e de vida aos espaços monumentais dos projetos que tornam a cidade um objeto global, e que nada mais são do que uma expressão do espaço abstrato do capital e do Estado, que fazem ouvidos moucos às reivindicações populares.

É necessário mais que nunca denunciar o urbanismo especulativo que em nome da identidade local e projeção nacional e internacional destrói os significados urbanos identitários locais.

A cidade é pensada não mais para o uso de seus habitantes, mas para o consumo global. Tais práticas transformam a cidade em um *patchwork* em que o novo se superpõe e cola ao antigo e destrói a história dos lugares. A luta pelo direito à cidade deve necessariamente se contrapor às tendências de homogeneizar o espaço urbano e transformá-lo em espaço globalizado. Pois caso contrário os cidadãos serão espoliados de sua cidade, como ocorreu na Vila Olímpica, quase deserta a não ser pelos turistas que aí transitam e agora ocorre na Diagonal Mar. Onde torres monumentais rompem com o gabarito construtivo de Barcelona e buscam recriar os espaços concebidos por Gaudí. Onde a memória coletiva e o patrimônio histórico industrial estão sendo destroçados para dar lugar à Barcelona global, mediante intervenções articuladas pela iniciativa privada e pelo poder público, sem dar

ouvidos aos movimentos sociais e às associações de “vecinos” como é o caso do espaço histórico fabril de Can Ricart⁷.

São criados, assim, amplos espaços abstratos que estilizam os códigos preexistentes e a própria natureza. Neste espaço abstrato em que o capital e o Estado buscam converter a cidade, a experiência vivida é esmagada e banida pelo concebido, pelas idealizações dos técnicos e urbanistas. Predominam os grandes vazios, as superfícies espelhadas dos edifícios e o silêncio. Desaparecem os referenciais identitários, substituídos por ícones e signos globais. A possibilidade de apropriação social por parte dos usuários da cidade, por seus habitantes, é esmagada por este espaço abstrato, onde tudo aparentemente já foi dito e onde aparentemente reina incontestemente o poder hegemônico do capital e do Estado.

Isto não significa que não haja saída. Esta não reside em soluções prontas de técnicos ou planejadores, mas sim nas contradições que o espaço da cidade abriga, contradições derivadas das práticas sócio-espaciais e da história desta cidade. A possibilidade de transformação sócio-espacial irá depender, e neste sentido concordamos com Lefebvre (1991), da luta pelas forças sociais organizadas em torno do direito à cidade enquanto luta política e transformadora da sociedade através da criação de um novo espaço de vida e de trabalho.

Referências bibliográficas

BELENGUER, G.B. Las viviendas del Congreso Eucarístico: “La Iglesia-Empresa Constructora S.L.”. in CAPEL, H. **Habitatge, especialització i conflicte a la ciutat catalana**. Tarragona: Ajuntament de Tàrraga, 1996.

BORJA, J. Revolución y contrarrevolución en la ciudad global. **Biblio 3W, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, Universidad de Barcelona, Vol. X, nº 578, 20 de abril de 2005a. [<http://www.ub.es/geocrit/b3w-578.htm>].

⁷ Ver trabalhos de TATJER e do Grup de Patrimoni Industrial del Fòrum de la Ribera del Besòs.

BORJA, J. Un futuro urbano con un corazón antiguo. **Biblio 3W, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, Universidad de Barcelona, Vol. X, nº 584, 20 de mayo de 2005b. [<http://www.ub.es/geocrit/b3w-584.htm>].

CAPEL, H. **Capitalismo y morfología urbana en España**. Barcelona: Los libros de la frontera. Realidad Geografica/4, 1975.

CAPEL, H. El Poble Nou y la ciudad de los prodigios. **Scripta Vetera**, Universidad de Barcelona, n. 79 [<http://www.ub.es/geocrit/sv-79.htm>]. (Publicado en: **La Veu del Carrer**, Barcelona: Federació d'Associacions de Veïns de Barcelona, nº 69, setembre-octubre 2001, p. 11).

CAPEL, H. El futuro de las ciudades. Una propuesta de manifiesto. **Biblio 3W, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, Universidad de Barcelona, Vol. IX, nº 551, 10 de diciembre de 2004. [<http://www.ub.es/geocrit/b3w-551.htm>].

CAPEL, H. **El modelo Barcelona: un examen crítico**. Barcelona: Ediciones Del Serbal, 2005a.

CAPEL, H. Discurso de inauguración del VII Coloquio Internacional de Geocrítica. **Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2005b, vol. IX, núm. 194 (001). <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-194-001.htm>>.

GENERALITAT DE CATALUNYA. **Hipermapa Atlès Eletrònic**. Departament de Obres Publiques. 2004 <http://hipermapa.ptop.gencat.net/hipermapa/client/200504/baseaea_high.html>.

GRUP DE PATRIMONI INDUSTRIAL del Fòrum de la Ribera del Besòs. *Proposta de pla integral de patrimoni industrial de Barcelona*. Nou Projecte. **Biblio 3W, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, Universidad de Barcelona, Vol. X, nº 581, 5 de abril de 2005. [<http://www.ub.es/geocrit/b3w-581.htm>].

LEFEBVRE, H. **The production of space**. London: Blackwell, 1991.

OLMO, C. “Fórum Barcelona 2004. El gran negocio del multiculturalismo”, mayo de 2004 (acessível em <<http://www.rebellion.org/spain/040520co.htm>>).

RANDOLPH, R. A dialética entre o próximo e o distante: reflexões acerca da cidade e do urbano contemporâneos. in LIMONAD, E. (org.) **Entre a Ordem Próxima e a Ordem Distante: contribuições a partir do pensamento de Henri Lefebvre**. Niterói: GECEL-ANPUR, 2003. [<http://www.uff.br/posgeo/ester.pdf>].

TATJER, M. Josep Oriol Bernadet (1811-1860) i la seva aportació a la ciència, la tècnica i l'arquitectura del segle XIX. **Biblio 3W, Revista Bibliogràfica de Geografia y Ciencias Sociales**, Universidad de Barcelona, Vol. X, nº 582, 10 de mayo de 2005. [<http://www.ub.es/geocrit/b3w-582.htm>].

TATJER MIR, M. URBIOLA DOMÈNECH, M. GRUP DE PATRIMONI INDUSTRIAL. Can Ricart Estudi Patrimonial (Síntesi). **Biblio 3W, Revista Bibliogràfica de Geografia y Ciencias Sociales**, Universidad de Barcelona, Vol. X, nº 598, 30 de julio de 2005. [<http://www.ub.es/geocrit/b3w-598.htm>]. [ISSN 1138-9796].

Referências eletrônicas (internet)

http://hipermapa.ptop.gencat.net/hipermapa/client/200504/baseaea_high.html.

<http://www.bcn.es/22@bcn/cata/presentacion/>).

<http://www.lafavb.com/carrer.php>.

<http://www.juegosolimpicos.com/atenas2004/historia.php?IDOlimpiada=22>.

<http://www.rebellion.org/spain/040520co.htm>.

Recebido em janeiro de 2006

Aceito em março de 2006